# Da Palavra à Imagem

Textos de *Jorge Amado, Luís de Camões, Luís Sepúlveda, Luísa Ducla Soares e Sophia de Mello Breyner Andresen*.

Biblioteca Escolar de Azeitão

Maio de 2022

Selecionámos os textos de Jorge Amado, Luís de Camões, Luís Sepúlveda, Luísa Ducla Soares e Sophia de Mello Breyner Andresen, como fonte de inspiração desta atividade, por serem alguns dos autores mais emblemáticos da literatura portuguesa.

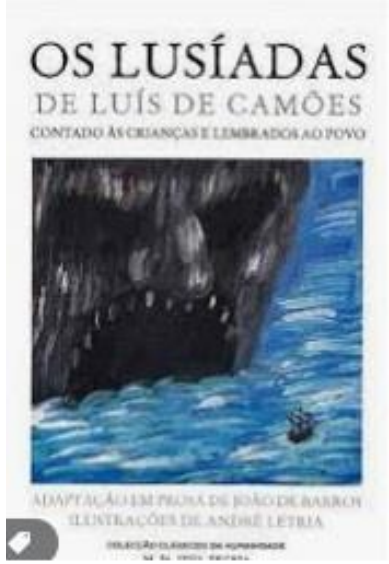
Destacam-se pela qualidade excecional das suas obras e pelo diálogo que estabelecem com os leitores de diferentes grupos etários.

## A Estação da Primavera

**“(...)** Quando a primavera chegou, vestida de luz, de cores e de alegria, olorosa de perfumes sutis, desabrochando as flores e vestindo árvores de roupagens verdes, o Gato Malhado estirou os braços e abriu os olhos pardos, olhos feios e maus. Feios e maus, na opinião geral. Aliás, diziam que não apenas os olhos do Gato Malhado refletiam maldade, e sim, todo o corpanzil forte e ágil, de riscas amarelas e negras. Tratava-se de um gato de meia-idade, já distante da primeira juventude, quando amara correr por entre as árvores, vagabundear nos telhados, miando à lua cheia canções da amor, certamente picarescas e debochadas. Ninguém podia imaginá-lo entoando canções românticas, sentimentais.”

## Canto V

## Estâncias 39 e 40




"Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
Com um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.”

# Capítulo 11

## O VOO

Caía sobre Hamburgo uma espessa chuva e dos jardins elevava-se o aroma da terra húmida. O asfalto das ruas brilhava e os anúncios fluorescentes refletiam-se disformes no chão molhado. Um homem embrulhado numa gabardina caminhava por uma rua solitária do porto dirigindo os seus passos para o bazar de Harry.

- Nem pensar!- guincho o chimpanzé. – Ainda que me cravem cinquenta garras no cu, não lhes abro a porta!

-Mas olha que ninguém tem a intenção de te fazer mal. Estamos a pedir-te um favor, e é tudo – miou Zorbas.

-O horário de abertura é das nove da manhã às seis da tarde. É o regulamento e tem de ser respeitado – guinchou Matias.

- Pelos bigodes da morsa! Então não podes ser amável uma vez na vida, macaco? – miou Barlavento.

- Por favor, senhor macaco – grasnou Ditosa suplicante.

- Impossível! O regulamento proíbe-me de estender a mão e de correr o ferrolho que vocês, por não terem dedos, seus sacos de pulgas, não podem abrir – guinchou Matias com velhacaria.

-És um macaco terrível, terrível! – miou Sabetudo.

- Está um humano lá fora a olhar para o relógio – miou o Secretário que espreitava por uma janela.

-É o poeta! Não há tempo a perder! – miou Zorbas correndo a toda a velocidade para a janela.

Os sinos da igreja de São Miguel começaram a tanger as doze badaladas da meia-noite e um ruído de vidros partidos sobressaltou o humano. O gato grande, preto e gordo caiu na rua no meio de uma chuva de estilhaços, mas pôs-se de pé sem se preocupar com as feridas na cabeça e saltou outra vez para a janela por onde havia saído.

O humano aproximou-se no preciso momento em que uma gaivota era levantada por vários gatos até ao peitoril. Atrás dos gatos, um chimpanzé punha as mãos na cara tentando tapar os olhos, os ouvidos e a boca ao mesmo tempo.

-Pega nela! Cuidado, para não se ferir nos vidros – miou Zorbas.

- Venham cá os dois – disse o humano tomando-os nos braços.

O humano afastou-se pressurosamente da janela do bazar. Debaixo da gabardina levava um gato grande, preto e gordo e uma gaivota de penas de cor de prata.

- Canalhas! Bandidos! Hão de pagar por isto! – guinchou o chimpanzé.

- Foi o que estavas a pedir. E sabes o que o Harry vai pensar amanhã de manhã? Que foste tu que partiste o vidro – miou Secretário.

- Caramba, desta vez você consegue tirar-me dos miados da boca. – miou Colonello.

- Pela dentuça da moreia! Vamos para o telhado! Vamos ver a nossa Ditosa voar! – miou Barlavento.

O gato grande, preto e gordo e a gaivota iam muito comodamente debaixo da gabardina, sentindo o calor do corpo do humano, que caminhava com passos rápidos e seguros. Sentiam bater os seus três corações a ritmos diferentes, mas com a mesma intensidade.

- Gato, tu feriste-te? – perguntou o humano ao ver umas manchas de sangue nas bandas da gabardina.

- Não tem importância. Aonde vamos? – perguntou Zorbas.

- Tu entendes o humano? – grasnou Ditosa.

- Entendo. E ele é ima pessoa boa que te vai ajudar a voar – garantiu-lhe Zorbas.

- Entendes a gaivota? – perguntou o humano.

- Diz-me a onde vamos – insistiu Zorbas.

- Já não vamos, chagámos – respondeu o humano.

Zorbas deitou a cabeça de fora. Estavam diante de um edifício alto. Ergueu a vista e reconheceu a torre de São Miguel iluminada por vários projetores. Os feixes de luz incidiam em cheio na sua esbelta estrutura forrada de chapas de cobre, que o tempo, a chuva e os ventos haviam coberto de uma pátina verde.

- As portas estão fechadas – miou Zorbas.

- Nem todas – disse o humano. – Costumo vir até aqui fumar e pensar em solidão nas noites de tempestade. Conheço uma entrada para nós.

Deram uma volta e entraram por uma pequena porta lateral que o humano abriu com a ajuda de uma navalha. De um bolso tirou uma lanterna e, iluminados pelo seu delgado raio de luz, começaram a subir uma escada de caracol que parecia interminável.

- Tenho medo – grasnou Ditosa.

- Mas queres voar, não queres? – miou Zorbas.

Do campanário de São Miguel via-se toda a cidade. A chuva envolvia a torre da televisão e, no porto, as gruas pareciam animais em repouso.

- Olha, ali vê-se o bazar do Harry. Estão ali os nossos amigos – miou Zorbas.

- Tenho medo! Mamã! – grasnou Ditosa.

Zorbas saltou para o varandim que protegia o campanário. Lá em baixo os automóveis moviam-se como insetos de olhos brilhantes. O humano colocou a gaivota nas mãos.

- Não! Tenho medo! Zorbas! Zorbas! – grasnou ela dando bicadas nas mãos do humano.

- Espera! Deixa-a no varandim – miou Zorbas.

-Não estava a pensar atirá-la – disse o humano.

-Vais voar, Ditosa. Respira. Sente a chuva. É água. Na tua vida terás muitos motivos para ser feliz, um deles chama-se água, outro chama-se sol e chega sempre como recompensa depois da chuva. Sente a chuva. Abra as asas – miou Zorbas.

A gaivota estendeu as asas. Os projetores banhavam-na de luz e a chuva salpicava-lhe as penas de pérolas. O humano e o gato viram-na erguer a cabeça de olhos fechados.

- A chuva, a água. Gosto! – grasnou.

-Vais voar – miou Zorbas.

- Gosto de ti. És um gato muito bom – grasnou ela aproximando-se da beira do varandim.

-Vais voar. Todo o céu será teu – miou Zorbas.

- Nunca te esquecerei. Nem aos outros gatos – grasnou já com metade das patas de fora do varandim, porque, como diziam os versos de Atxaga, o seu pequeno coração era o dos equilibristas.

- Voa! – miou Zorbas estendendo uma pata e tocando-lhe ao de leve.

Ditosa desapareceu da sua vista, e o humano e o gato temeram o pior. Caíra como uma pedra. Com a respiração em suspenso assomaram as cabeças por cima do varandim, e viram-na então, batendo as asas, sobrevoando o parque de estacionamento, e depois seguiram-lhe o voo até às alturas, até mais além do cata-vento de ouro que coroava a singular beleza de São Miguel.

Ditosa voava solitária na noite de Hamburgo. Afastava-se batendo as asas energicamente até se elevar sobre as gruas do porto, sobre os mastros dos barcos, e depois regressava planando, rodando uma e outra vez em torno do campanário da igreja.

- Estou a voar! Zorbas! Sei voar! – grasnava ela, eufórica, lá da vastidão do céu cinzento.

O humano acariciou o lombo do gato.

- Bem, gato, conseguimos – disse suspirando.

- Sim, à beira do vazio compreendeu o mais importante – miou Zorbas.

- Ah, sim? E o que é que ela compreendeu? – perguntou o humano.

- que só voa quem se atreve a fazê-lo – miou Zorbas.

- Suponho que agora te estorva a minha companhia. Espero-te lá em baixo – despediu-se o humano.

Zorbas permaneceu ali a contemplá-la, até que não soube se forma as gotas de chuva ou as lágrimas que lhe embaciaram os olhos amarelos de gato grande, preto e gordo, da gato bom, de gato nobre, de gato de porto.

Laufenburg, Floresta Negra, 1996.

## A Cavalo no Tempo

Ando a cavalo no tempo,

Ando o tempo a galopar.

Quando nasci fui bebé,

Agora sei bem falar,

Hei de ser gente crescida

Com força para trabalhar,

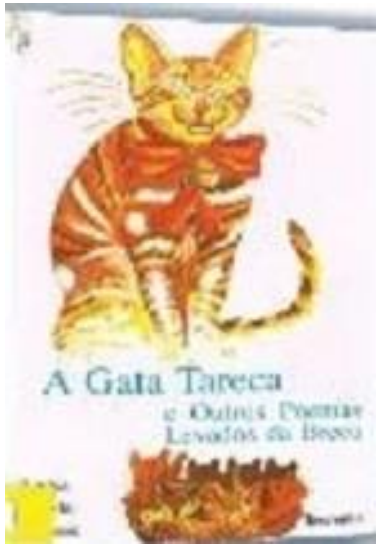
Hei de ter como os avós

Muita coisa para lembrar.

Sempre a cavalo no tempo,

Com o tempo a galopar.

# Romance da Gata Tareca




Estava a gatinha Tareca
À sua porta sentada,
afiando as finas unhas
no veludo da almofada,

com seu guiso de ouro fino
e sua fita encarnada,
quando a notícia lhe deram
que havia de ser casada

com o bravo gato Tigre,
filho do gato malhado.
Logo a gatinha, contente,
foi festejar para o telhado.

Sete gatos convidou
para tocarem tambor,
mais sete gatas cantoras,
miando canções de amor.

Dez dúzias de ratazanas
encomendou para o jantar
e umas pratada de espinhas
para todos contentar.

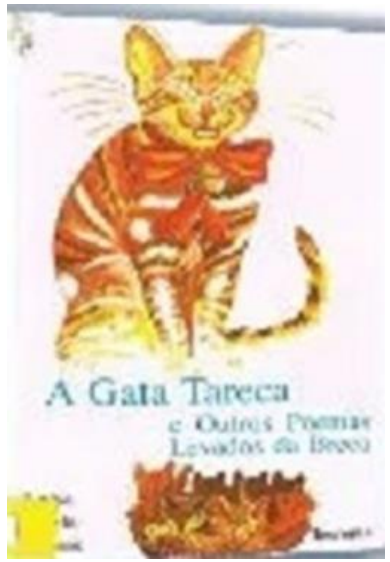
Foi o bravo gato Tigre
Ter com a noiva ao telhado;
Ao bater da meia-noite
Deu-lhe o anel de noivado.

Era tudo uma alegria.
Mas, por não ser convidada,
Resolveu tirar vingança
A velha pulga malvada.

Como uma agulha espetava,
Picava como um ferrão.
Para se coçar rebolava
O gato, com comichão.

Caiu do telhado à rua
E não mais se levantou.
Ai, o bravo gato Tigre,
Que já a morte o levou.

Sete gatos com tambores, sete
gatas com miados
Choraram mais a Tareca
Os seus amores desgraçados.




Mas como o gato era rico
e fizera testamento,
logo ali o foram ler
naquele triste momento.

«À linda gata Tareca
deixo o meu prato e tijela
mais um tapete de sala
feito de pele de cadela.

À dona que me criou
deixo um pardal depenado,
as penas que lhe tirei,
a um careca, coitado.

Dois carapaus que roubei
Ofereço à minha mamã.
Dou aos meninos da escola
A minha bola de lã.

Para ver o que se passa,
mesmo depois de acabado,
com a cabeça de fora
eu quero ser enterrado.»

Cavavam-lhe a sepultura
No canteiro do jardim
Quando ele miou três vezes.
Nunca se viu coisa assim!

Num pulo se pôs de pé,
Num salto foi para o telhado,
Com a gatinha Tareca
Casou, ficou bem casado.

Hoje a gatinha Tareca,
À sua porta sentada,
Brinca com sete gatinhos,
Todos da mesma ninhada.

# O Cavaleiro da Dinamarca

“A Dinamarca fica no Norte da Europa. Ali os invernos são longos e rigorosos, com noites muito compridas e dias curtos, pálidos e gelados. A neve cobre a terra e os telhados, os rios gelam, os pássaros emigram para os países do Sul à procura de sol, as árvores perdem as suas folha. Só os pinheiros continuam verdes, no meio das florestas geladas e despidas. Só eles, com os seus ramos cobertos por finas agulhas duras e brilhantes, parecem vivos no meio do grande silêncio imóvel e branco.

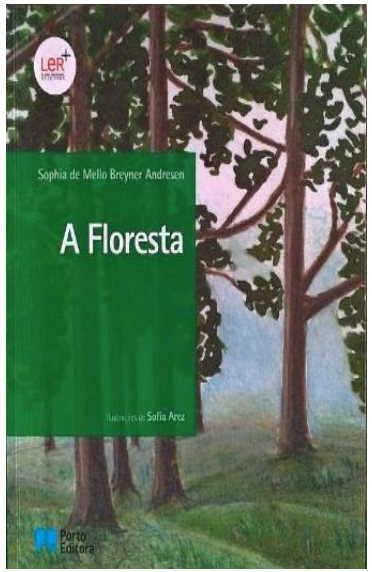
Há muitos anos, há dezenas e centenas de anos, havia em certo lugar da Dinamarca, no extremo norte do país, perto do mar, uma grande floresta de pinheiros, tílias, abetos e carvalhos. Nessa floresta morava com a sua família um Cavaleiro. Viviam numa casa construída numa clareira rodeada de bétula. E em frente da porta da casa havia um grande pinheiro, que era a árvore mais alta da floresta.

Na primavera as bétulas cobriam-se de jovens folhas, leves e claras, que estremeciam à menor aragem. Então a neve desaparecia e o degelo soltava as águas do rio que corria ali perto e cuja corrente recomeçava a cantar noite e dia entre ervas, musgos e pedras.

Depois a floresta enchia-se de cogumelos e morangos selvagens. Então, os pássaros voltavam do Sul, o chão cobria-se de flores e os esquilos saltavam de árvore em árvore. O ar povoava-se de vozes e de abelhas e a brisa sussurrava nas ramagens.

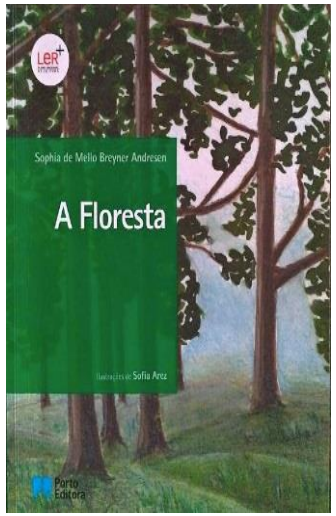
Nas manhãs de verão verdes e doirada, as crianças saíam muito cedo, com um cesto de vime enfiado no braço esquerdo e iam colher flores, morangos, amoras., cogumelos. Teciam grinaldas, que poisavam nos cabelos ou que punham a flutuar no rio.  E dançavam e cantavam nas relvas finas, sob a sombra luminosa e trémula dos carvalhos e das tílias. Passado o verão, o vento de outubro despia os arvoredos, voltava o inverno, e de novo a floresta ficava imóvel e muda, presa em seus vestidos de neve e gelo.”

# A Floresta




(…) O piano começaria a tocar sozinho, nos castiçais uma mão invisível acenderia todas as velas, os panos brancos cairiam dos móveis e um perfume de rosas invadiria a sala, e as estátuas, uma por uma, sorrindo desceriam do seu pedestal. Mas, até esse dia, era preciso esperar. Era preciso que a sala continuasse muda, imóvel, sozinha, mergulhada em silêncio e penumbra. E por isso Isabel tornava a encostar a portada da janela, corria o duro fecho de ferro e saía levemente, sem fazer nenhum barulho, pé ante pé.

Do outro lado da casa ficavam a cozinha, a copa e a rouparia. Aí havia sempre barulho e agitação, e as criadas iam e vinham, lavando., arrumando, cozinhando e conversando,. Nesse lado da casa a pessoa mais importante era a cozinheira, sempre ocupadíssima, rodeada de carnes, ovos, legumes e galinhas. No verão ela mexia num enorme tacho o doce de morangos, no outono fazia marmelada, que ficava durante muitos dias a secar ao sol da varanda virada para o sul. No Natal, assava os perus recheados de castanhas e farofa; na Páscoa, metia no forno os cabritos perfumados de ervas. Trazia sempre um molho de chaves pendurado da cintura, e era ela quem reinava na despensa, reino misterioso e sombrio, onde pairava um perfume de baunilha e canela.




A cozinheira tinha muito mau génio e resmungava todo o dia com a sua ajudante, a Emília, que descascava as batatas, lavava os tachos e depenava as galinhas. Mas quando estava bem-disposta dava a Isabel magníficos presentes: às vezes eram pequenos bolos redondos e doirados, ainda quentes, acabados de siar do forno. Outras vezes eram barras de duro chocolate de fazer bolos, que ela guardava na despensa, ou uvas-passas e figos secos.

Assim Isabel conhecia bem todas as coisas daquela casa: sabia que no Natal havia sempre um pinheiro, carregado de luzes e bolas de vidro, no meio do átrio. Sabia que na Páscoa se escondiam no jardim de buxo os ovos pintados. E sabia que no dia dos seus anos havia visitas e presentes.

- Faltam dois meses para o Natal – pensava ela.

Ou então o jardineiro dizia:

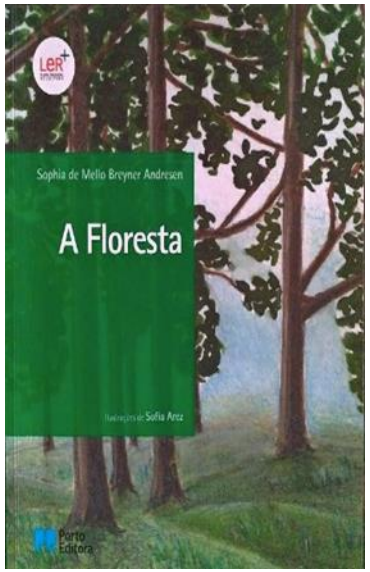
- Para o mês que vem há cerejas.

Ou:

- Para a semana já há tulipas.

Mas um dia aconteceu uma coisa extraordinária e diferente.

# II




Era no mês de outubro, num sábado à tarde. Nos sábados à tarde Isabel não tinha aulas.

Por isso, mal acabou o almoço, saiu para a quinta.

O tempo estava ainda muito quente e nem uma erva bulia.

Isabel dirigiu-se para um pequeno bosque que ficava perto da casa.

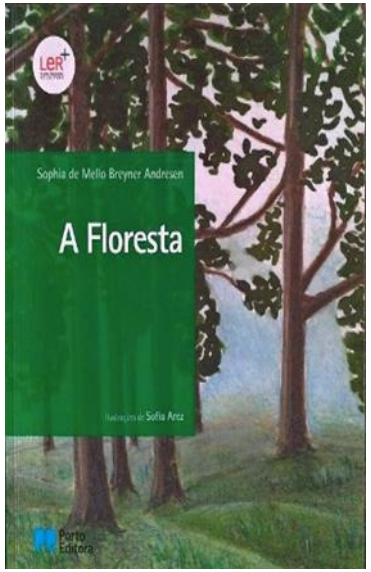
Era um lugar muito solitário, onde nunca passava ninguém. Mesmo o jardineiro era raro ali ir, pois naquele lugar tudo crescia selvagem e não havia canteiros nem flores.

O chão estava todo coberto de musgo e das altas copas das árvores descia uma sombra trémula, atravessada aqui e além por raios doirados de sol.

Isabel estendeu-se ao comprido no chã, junto de um carvalho, e começou a ler. Mas o livro maçou-a  e ao fim de um quarto de hora ela pousou-o a seu lado e começou a olhar um carreiro de formigas, que avançando através de musgo se dirigia para um buraco, que ficava perto da árvore. Então o olhar de Isabel pousou no tronco do carvalho. Era escuro, enorme e rugoso e seriam precisos três homens para o abraçar. As raízes, saindo um pouco da terra, formavam arcos e cavidade que lembravam pequenas cavernas.

- Um sítio bom para morarem anões – pensou Isabel.

Este pensamento interessou-a extraordinariamente.




Aos sete anos, logo que tinha aprendido a ler, Isabel tinha lido a história da Branca de Neve e dos Sete Anões. Pensava muitas vezes nessa história. Parecia-lhe que viver entre anões devia ser uma coisa maravilhosa! Imaginava as casas dos anões, os seus palácios enterrados na terra como as luras dos coelhos ou escondidos em lugares solitários, dentro do tronco das árvores.

- Queria ver um anão – pediu ela à sua criada Mariana.

- Não há anões; isso são histórias que vêm nos livros – respondeu Mariana.

Mas Isabel não acreditou.

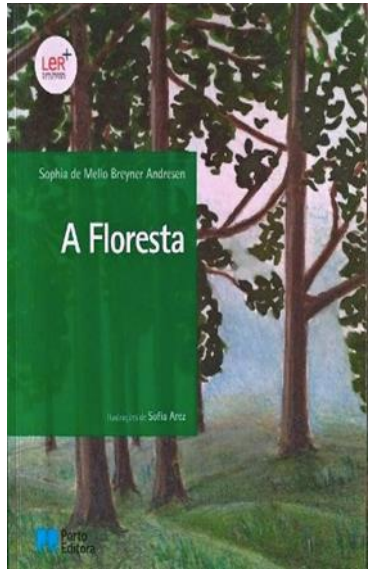
Durante meses procurou os anões entre as pedras e as plantas e as ervas do parque. Mas nunca encontrou nenhum. Por isso acabou por se convencer de que Mariana tinha razão.

Mas agora, em frente das raízes do velho tronco, pensava:

- É pena não haver anões. Podia-se fazer aqui uma casa, ótima para anões.

E tendo meditado alguns momentos resolveu fazer ali uma casa pequenina e imaginar que os anões viriam morar nela.

Com cascas de plátano, paus e pedras fez muros e telhados à roda do tronco. Depois cobriu os telhados com musgo, para proteger bem a casa da chuva e do freio. Foi buscar canas e cortou-as todas em pedaços iguais com a tesoura de podar as flores, que foi pedir emprestada ao jardineiro. E atando com ráfia as canas fez uma porta que se podia abrir e fechar.




Passou a tarde inteira a fazer todos estes trabalhos.

No dia seguinte era domingo.

Isabel foi à casa das bonecas, que lhe tinham dados nos anos, quando era mais pequena, e tirou de lá um tapeta, uma mesa, uma cadeira e uma cama com o seu colchão, a sua almofada e os seus cobertores.

Pôs tudo num cesto, enfiou o cesto no braço, galgou as escadas a quatro e quatro e correu para a quinta.

Ajoelhou-se em frente da árvore e com muito cuidado, para não fazer cair os telhados e as paredes que tinha construído, estendeu o tapete no chão da casa. Em cima do tapete pôs a cama com o colchão, a almofada e o cobertor. Ao lado pôs a mesa e a cadeira. Depois com pedaços de musgo e pequenas pedras, tapou muito bem todos os buracos. “